

RESENHAS

SMITH, Linda Tuhiwai. 2018. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*; tradução. Roberto G Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 239 pp.

LINDA OSÍRIS GONZÁLEZ CÁRDENAS

O livro “Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas” corresponde à primeira tradução em português do livro *Descolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples*, publicado originalmente na Inglaterra no ano de 1999, e escrito pela pesquisadora maori Linda Tuhiwai Smith, atualmente professora de Educação Indígena na *University of Waikato*, na Nova Zelândia. Este *best seller*, relançado em 2012, já foi traduzido em seis idiomas – árabe, chinês, espanhol, indonésio, italiano e finalmente português – chegando a atingir diversas audiências, como movimentos sociais, estudantes, organizações governamentais e não governamentais, povos indígenas e, como principal interesse da autora, pesquisadores indígenas que assumem uma posição complexa, a partir da relação simultânea com suas próprias comunidades e as comunidades de pesquisa.

A preocupação de Linda Smith com a dupla posição adotada por pesquisadores *insiders* remete à sua própria formação, trajetória pessoal e experiência enquanto pesquisadora indígena maori na Nova Zelândia. Tendo como pai um antropólogo maori, a autora teve contato desde jovem com as ciências sociais, a pesquisa e com a capacidade que tem para produzir discursos de representação do “Outro”. Formada no campo da educação, enquanto estudante universitária observou constantemente como era representada “a diferença” nos textos, discursos e práticas escolares. No entanto, foi apenas no campo da saúde que assumiu sua identidade enquanto pesquisadora indígena maori, já que conseguiu perceber que as problemáticas enfrentadas por ela como pesquisadora não eram devidamente tratadas na sua formação.

O ativismo dos jovens maori nas cidades, assim como a criação do centro de Estudos Maori na *University of Auckland*, influenciou e esteve influenciado pelo estabelecimento de 1975 do Tribunal de Waitangi, como espaço para discutir os pontos definidos no Tratado de Waitangi – assinado entre chefes maori e representantes da Coroa Britânica em 1840 – e atender as demandas do povo maori na contemporaneidade. O Tribunal de Waitangi serviu como um espaço para reivindicar o ensino da língua maori nas escolas, para obter uma educação maori diferenciada (tanto em um nível básico quanto superior), para promover a recuperação das narrativas maoris sobre a história colonial e para promover o fortalecimento de uma pesquisa especificamente maori.

É justamente o desenvolvimento de uma agenda de pesquisa maori – ou indígena, de forma ampla – que motivou a Linda Smith escrever “Descolonizando metodologias”, buscando apresentar e propor alternativas ao modelo de pesquisa ocidental, ressaltando espaços de resistência usados por pesquisadores indígenas, que trabalham com o passado, histórias, culturas, línguas e práticas sociais ocultas pela colonização, mostrando cada vez mais uma postura de autodeterminação e descolonização.

O livro está dividido em duas partes e é composto por agradecimentos da autora e do tradutor; introdução; dez capítulos; uma breve conclusão e uma seção de notas. A primeira parte do livro, composta pelos capítulos um a cinco, busca proporcionar uma análise crítica das bases históricas e filosóficas da pesquisa ocidental, desde o Iluminismo até o Pós-colonialismo – e a opção descolonial como alternativa – ressaltando as relações existentes entre o imperialismo, conhecimento, pesquisa, e deslegitimação da existência dos povos indígenas.

De forma pontual, o primeiro capítulo tem por objetivo discutir e contextualizar quatro conceitos que articulam ideias sobre/dos povos indígenas, sendo imperialismo, história, escrita e teoria, coincidindo com o próprio título do capítulo. A seleção dessas palavras, conforme explica a autora, se deve ao caráter problemático que elas representam para a perspectiva indígena, uma vez que foram usadas para justificar o processo de colonização de corpos, seres e saberes. No entanto, para propiciar a descolonização, é necessário compreender esses instrumentos para assim identificar o que esse processo significa no passado, presente e futuro das populações indígenas, definido a partir das perspectivas e objetivos destas últimas.

Já no segundo capítulo, “A pesquisa através dos olhos imperiais”, Linda Smith explica com mais detalhe teorias e conceitos que fundamentam a pesquisa ocidental, partindo de ideias de filósofos e acadêmicos ocidentais – como Aristóteles, Platão, Sócrates, Descartes, Hegel e Rousseau – que estipularam o empirismo como teoria do conhecimento, e o positivismo como paradigma científico. Todo este ‘arquivo cultural ocidental’, composto também por valores, histórias, textos e imagens que representam o Ocidente, foi usado cientificamente para classificar sociedades em categorias a partir do conceito de raça, buscando estabelecer um modelo de comparação entre elas, tendo como referência o Ocidente e seu arquivo cultural. Ao mesmo tempo, ao longo do capítulo a autora busca contrastar esse modelo de pesquisa ocidental, tão criticado pelas populações indígenas, com concepções, definições e abordagens de pesquisadores maori, como uma estratégia de demonstrar que a pesquisa enquanto atividade científica é plural e que não se limita apenas à definição Ocidental.

Por fim, é nos capítulos três “Colonizando Conhecimentos”, quatro “Aventuras de pesquisa em terras indígenas” e cinco “Notas de lá de baixo” que Linda Smith apresenta de forma direta o terrível papel que cumpriu a pesquisa ocidental como braço direito do processo de colonização, que assumiu aos povos indígenas como “laboratórios da ciência ocidental” (:83). A diferença está no terceiro capítulo, no qual a autora apresenta a história do conhecimento ocidental a partir do olhar do colonizador, enquanto nos capítulos seguintes são destacadas as implicações da pesquisa científica no mundo do colonizado, a partir das relações existentes entre conhecimento, pesquisa e imperialismo. Enquanto projeto associado à modernidade, o Iluminismo instituiu diferenças entre Europa eurocentrada e o resto do mundo, a partir de ideias, imagens e experiências sobre o “Outro”, fixando para este último uma

posição de objeto passivo, carente de história e humanidade. Justamente aqui, os relatos de viajantes e exploradores – fantasiosos e mal informados – tornaram-se, além de um sólido sistema de coleta de informações, em uma forma institucional de representar e descrever povos indígenas, vistos a maioria das vezes pela comunidade científica como uma “questão” ou “problema” que devia ser tratado e solucionado (:111).

Nesse ponto, a autora apresenta uma crítica sólida do universo indígena para a etnografia como método, e a antropologia como área do conhecimento, uma vez que estas funcionaram colecionando e selecionando experiências e fatos, descontextualizando-os e posicionando-os em uma história evolutiva e linear. Adicionalmente, Smith expande essa crítica à educação escolarizada, que, como ferramenta fundamental para o avanço do processo colonizador, impôs conhecimentos, línguas e narrativas alheias. Por esse motivo, a autora chama a atenção para a necessidade de indigenizar as instituições acadêmicas coloniais, assim como a própria antropologia, para garantir um real processo de descolonização.

Finalmente, o capítulo quinto, que fecha a primeira parte do livro, apresenta ações que permitem perceber que o imperialismo e o colonialismo enquanto projeto ainda não findaram, mas que transformaram suas linguagens e expressões para não serem facilmente detectados, eles se camuflam em termos como pós-colonialismo, globalização, independência econômica, desenvolvimento e progresso, ou em avanços científicos e tecnológicos que põem os povos indígenas em risco, como a patentização de conhecimentos indígenas, a comodificação da espiritualidade indígena, a criação de culturas virtuais como culturas autênticas, entre outros. Assim, para a autora, a descolonização se torna um processo de longo prazo, uma vez que este envolve um despojamento burocrático, cultural, linguístico e psicológico do poder colonial, cujo legado e instituições permanecem (:117).

A partir do capítulo seis, “O projeto dos povos indígenas: definindo uma nova agenda”, começa a segunda parte do livro, na qual são expostos problemas debatidos atualmente pelos povos indígenas, em busca de metodologias e abordagens que sejam mais éticas e apropriadas para suas realidades. Embora existam inúmeros motivos para que a desconfiança dos povos indígenas com a pesquisa persista, conforme exposto na primeira parte do livro, nos próximos capítulos Linda Smith busca ressaltar o que ocorre no campo da pesquisa quando os próprios indígenas se tornam pesquisadores. Nesse capítulo, a autora destaca a importância de definir uma agenda de pesquisa indígena em conjunto, a partir da articulação e alianças estratégicas entre povos que compartilham territórios, culturas, tradições, histórias, línguas e passados (:136), com o fim de constituir um programa de descolonização que promova a autodeterminação dos mesmos.

De forma complementar, em “Articulando uma agenda de pesquisa indígena” como capítulo sete, a autora discute alguns dos modos pelos quais uma agenda de pesquisa pode chegar a ser articulada e desenvolvida pelos povos indígenas, principalmente a partir de ações e projetos das/nas comunidades locais baseadas em reivindicações internas, assim como através de espaços conquistados dentro de instituições acadêmicas. Neste ponto, Smith menciona duas possibilidades de pesquisa que podem fazer uma diferença positiva nas condições de vida dos indígenas, e dos próprios pesquisadores *insiders*, sendo a pesquisa ação-comunitária e pesquisa emancipatória. Ambas sugerem que pesquisadores indígenas, ao ter uma forte ligação com sua comunidade, devem construir e defender sistemas úteis de

apoio, enquanto adotam também uma postura outsider quando se influenciam por modelos conceituais e científicos. É justamente nesse ponto que uma agenda indígena pode chegar a desafiar constantemente esses pesquisadores, estimulando-os a transpassar as fronteiras *insider-outsider*.

Na mesma linha, no oitavo capítulo, intitulado “Vinte e cinco projetos indígenas”, são mencionados programas de pesquisa formulados por povos indígenas, pretendendo alcançar justiça social e autodeterminação enquanto comunidade. Os projetos mencionados por Smith são desenvolvidos tanto pelos próprios pesquisadores indígenas, quanto por metodologias da ciência social que surgiram a partir de pesquisas com grupos indígenas, enquadrados em uma pesquisa empírica ou na teorização de questões indígenas no nível das ideias. No entanto, a maioria dos projetos citados pela autora são criados a partir de uma mistura de abordagens metodológicas da pesquisa tradicional ocidental e repropriações delas a partir de práticas indígenas desenhadas por pesquisadores indígenas.

As temáticas abordadas nos capítulos anteriores a despeito da necessidade da formulação de uma agenda indígena, são tratadas com maior detalhe pela autora no capítulo nove e dez, quando apresenta o caso maori, e especificamente a pesquisa *kaupapa maori*. Conforme relata Linda Smith, a entrada dos maori no mundo da pesquisa aconteceu a partir do final dos 60, quando diversas movimentações sociais questionaram as rígidas estruturas epistemológicas do Ocidente. Dentre estas se destacou o movimento feminista, que buscou trazer à tona os problemas de voz, visibilidade e silêncio, desenvolvendo novas metodologias e formas alternativas de conhecimento. Influenciados por essa conjuntura, os Maori se recusaram a continuar assumindo a posição de vítimas e objetos de pesquisa, demandando suas próprias questões de investigação, dessa vez na posição de sujeitos pesquisadores maori. Essa mudança também foi propiciada a partir de alguns episódios que aconteceram no contexto neozelandês, como o estabelecimento do Tribunal de Waitangi, o desenvolvimento do Te Kohanga Reo como movimento de revitalização da língua maori, e os espaços que foram abertos na Academia do país, especificamente no campo das ciências sociais para desenvolver abordagens de pesquisa maori mais críticas, reflexivas e culturalmente mais sensíveis.

Em relação à pesquisa kaupapa maori, como plano de longo prazo, pretende estar permanentemente relacionada com os princípios, a filosofia, a cultura e a língua maori, buscando garantir a autonomia e o bem-estar cultural do povo. Ao mesmo tempo, é uma modalidade de pesquisa dirigida à recuperação de histórias, e reivindicação de terras e recursos. Finalmente, a autora propõe direções estratégicas para o futuro da pesquisa maori – que podem ser perfeitamente aplicadas a outros contextos indígenas – como, por exemplo, determinar as próprias necessidades e prioridades de pesquisa, definir modos de pesquisa, formar pesquisadores, discutir procedimentos éticos culturalmente apropriadas, promover o desenvolvimento de métodos culturalmente simpáticos, e desenvolver literatura própria.

“Descolonizando metodologias” se torna uma ferramenta útil para a prática política e educativa dos povos indígenas contra o colonialismo, a partir da denúncia e crítica feita ao modelo de pesquisa ocidental que se apropriou – e apropria – de conhecimentos, corpos, espiritualidades, territórios, e, de modo amplo, culturas. No entanto, com isso Linda Smith não espera que a pesquisa seja totalmente recusada pelos povos indígenas e seus pesquisadores, mas que sejam propostas novas perspectivas teórico-metodológicas, para que a pesquisa contribua como resposta das próprias prioridades e questões

definidas por esses autores. O livro também resulta ser um grande aporte para a própria descolonização da antropologia e metodologias etnográficas, promovendo de forma crítica uma nova maneira de olhar, repensar e redefinir a relação existente entre sujeito e objeto de pesquisa

Linda Osiris González Cárdenas é mestre em Antropologia pela UFPR e bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana pela UNILA. Atualmente é estagiária no Conselho Indigenista Missionário (CIMI) – Regional Amazônia Ocidental.

RECEBIDO: 21/11/2019

APROVADO: 15/02/2020